

SEMIÓTICA FRANCESA E PSICOLINGÜÍSTICA NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO: REFLEXÕES SOBRE A MENTE DE GABRIEL, DE SYLVAIN REYNARD

SEMIÓTICA FRANCESA Y PSICOLINGÜÍSTICA EN LA CONSTRUCCIÓN DEL DISCURSO: REFLEXIONES SOBRE LA MENTE DE GABRIEL, DE SYLVAIN REYNARD

FRENCH SEMIOTICS AND PSYCHOLINGUISTICS IN THE CONSTRUCTION OF DISCOURSE: REFLECTIONS ON GABRIEL'S MIND IN SYLVAIN REYNARD'S WORK

Marcos Rogério Martins Costa¹, Kaio Gil dos Santos Menezes², Marly de Souza Carrasco Almeida³

DOI: 10.54899/dcs.v23i94.6844

Recibido: 24/07/2026 | Aceptado: 21/08/2026 | Publicación en línea: 31/07/2026.

RESUMO

O presente trabalho analisa a construção da mente no discurso literário sob a ótica da psicolinguística e da semiótica discursiva, tomando como base obras de Sylvain Reynard, ícone da literatura inglesa contemporânea. A pesquisa busca compreender como os processos cognitivos e linguísticos se articulam na produção de sentido, evidenciando o papel da linguagem na formação da consciência e na representação da subjetividade no discurso do personagem Gabriel. Por meio de uma abordagem interdisciplinar, discute-se a interação entre linguagem, pensamento e contexto sociocultural, destacando a relevância da análise discursiva para os estudos literários e psicolinguísticos. O estudo conclui que o discurso literário constitui um espaço privilegiado para a manifestação da mente em linguagem, revelando a complexidade das relações entre sujeito, linguagem e mundo.

Palavras-chave: Psicolinguística. Semiótica Discursiva. Literatura Inglesa. Análise do Discurso. Cognição.

ABSTRACT

The present work analyzes the construction of the mind in literary discourse from the perspective of psycholinguistics and discursive semiotics, based on works by Sylvain Reynard, an icon of contemporary English literature. The research seeks to understand how cognitive and linguistic processes articulate in the production of meaning, highlighting the role of language in the

¹ Pós-Doutor em Letras, Universidade Estadual de Goiás (UEG), Bolsista CNPq (Ibict/MCTI), Formosa, Goiás, Brasil. E-mail: marcosrmcosta15@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4627-9989>

² Graduado em Letras - Português/Inglês, Universidade Estadual de Goiás, Formosa, Goiás, Brasil. E-mail: kaio.97@aluno.ueg.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-1480-1399>

³ Doutorando em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: marlydesouzacarrascoalmeida@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-3847-1543>

formation of consciousness and the representation of subjectivity in the character Gabriel's discourse. Through an interdisciplinary approach, the interaction between language, thought, and sociocultural context is discussed, emphasizing the relevance of discursive analysis for literary and psycholinguistic studies. The study concludes that literary discourse constitutes a privileged space for the manifestation of the mind in language, revealing the complexity of the relationships between subject, language, and world.

Keywords: Psycholinguistics. Discursive semiotics. English literature. Discourse analysis. Cognition.

RESUMEN

El presente trabajo analiza la construcción de la mente en el discurso literario desde la perspectiva de la psicolingüística y de la semiótica discursiva, tomando como base las obras de Sylvain Reynard, referente de la literatura inglesa contemporánea. La investigación busca comprender cómo los procesos cognitivos y lingüísticos se articulan en la producción de sentido, evidenciando el papel del lenguaje en la formación de la conciencia y en la representación de la subjetividad en el discurso del personaje Gabriel. Mediante un enfoque interdisciplinario, se examina la interacción entre lenguaje, pensamiento y contexto sociocultural, destacando la relevancia del análisis discursivo para los estudios literarios y psicolingüísticos. El estudio concluye que el discurso literario constituye un espacio privilegiado para la manifestación de la mente a través del lenguaje, revelando la complejidad de las relaciones entre sujeto, lenguaje y mundo.

Palabras clave: Psicolingüística. Semiótica discursiva. Literatura inglesa. Análisis del discurso. Cognición.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

No vasto universo da produção cultural contemporânea, certas narrativas emergem com uma força singular, capturando o imaginário coletivo e provocando intensos debates. A trilogia *O Inferno de Gabriel*, do enigmático autor Sylvain Reynard, é um destes fenômenos. Lançada em um mercado editorial já saturado de romances, a obra se destacou por sua proposta audaciosa: recontar, em uma roupagem moderna e sensual, o arquétipo da jornada de redenção, utilizando como principal intertexto a obra monumental de Dante Alighieri, *A Divina Comédia*. Este diálogo com o clássico, aliado a uma trama envolvente, garantiu à trilogia um lugar de destaque na literatura de massa, tornando-a um objeto culturalmente relevante e, por isso, um campo fértil para a investigação acadêmica.

O destaque da trilogia no cenário editorial não é apenas temático, mas profundamente mercadológico. Publicada inicialmente como *e-book* e viralizada através de plataformas digitais, a obra rapidamente ascendeu ao patamar de *best-seller* mundial, com milhões de exemplares vendidos e traduções para diversos idiomas. Essa trajetória atípica — da autopublicação à consagração global — sublinha sua eficácia em sintonizar-se com os anseios do público leitor, transformando-se em um produto cultural de massa. O sucesso de vendas e o engajamento massivo nas redes sociais e clubes de leitura são testemunhos de seu impacto comercial, o que a posiciona como um fenômeno de consumo literário que transcende as fronteiras do nicho romântico.

Nesse contexto, a análise da obra adquire uma dupla relevância. Se, por um lado, sua classificação como "literatura de massa" frequentemente a coloca à margem dos estudos canônicos, por outro, seu sucesso comercial a estabelece como um poderoso "sismógrafo cultural," no sentido de que reflete e, simultaneamente, modela valores, crenças e modelos de subjetividade em voga na sociedade contemporânea. Portanto, investigá-la não é um desvio, mas um imperativo: a Semiótica e a Psicolinguística, ao se debruçarem sobre sua arquitetura discursiva, buscam desvendar os mecanismos de linguagem que sustentam essa notável capacidade de mobilização afetiva e comercial, entendendo como o texto produz um "efeito de sentido" tão potente a ponto de gerar um fenômeno de mercado.

O presente artigo propõe a realizar uma análise aprofundada da arquitetura de sentido que sustenta essa obra a partir da construção da subjetividade no que se considera o discurso da mente humana reportado *no* e *pelo* discurso literário. Afastando-nos de uma abordagem puramente sociológica e/ou psicologizante do fazer literário, que investigaria as razões de seu sucesso, ou de uma crítica literária impressionista, que se limitaria a julgar seus méritos estéticos, optamos por um caminho metodológico preciso: o da Semiótica Discursiva, de linha francesa, em cotejo com o viés científico dos postulados da Psicolinguística, em seus achados recentes.

O estudo interdisciplinar requer que as epistemologias postas em diálogo sejam preservadas em suas fronteiras. Conforme sustenta Fiorin (2008a), a pesquisa em abordagem interdisciplinar reserva o diálogo entre duas ou mais epistemes distintas, as quais, quando postas em discussão, podem produzir perspectivas de análise mais aprofundadas sobre os objetos de estudo. É neste sentido que esta investigação quer examinar as obras do autor canadense Sylvain Reynard.

Para tanto, cabe destacar que o maior enfoque não será sobre os postulados da

Psicolinguística, mas sim da Semiótica da Escola de Paris. Isso se dá pelo interesse de se examinar o discurso literário sobre a lupa da imanência – afastando, assim, a interpretação do signo linguístico dos vieses psicologizantes e sociologizantes que, por diversas vezes, massacram a análise literária ora reduzindo à uma lógica do meio, ora um produto do fascínio da aptidão do autor-criador. A semiótica francesa, herdeira dos pressupostos saussurianos, lança suas bases epistemológicas do princípio de imanência, o qual busca a chave da significação no próprio texto, em sua organização interna, em suas redes de relações, oposições e transformações. É este, portanto, o ponto de vista que se observa, interpreta e perscruta-se o objeto em foco: a construção da mente no discurso do personagem Gabriel, da obra de Sylvain Reynard.

O objetivo é, portanto, desvelar não apenas o que a obra significa, mas, fundamentalmente, como ela produz os seus efeitos de sentido de transformação do protagonista, o Professor Gabriel Emerson. Intelectual brilhante e especialista em Dante, Gabriel é, paradoxalmente, um homem que vive em seu inferno particular, assombrado por traumas passados e perdido em um ciclo de prazeres vazios. Este estado de existência, imerso na dor, na culpa e na materialidade do corpo, será conceituado aqui, com base nos desenvolvimentos da teoria semiótica, como um efeito de sentido produzido *no* e *pelo* texto literário e, como tal, a ser desvelado no aparato metodológico do percurso gerativo do sentido, proposto por Greimas e Courtés (2008) e, depois, desdobrado em seus percursos passionais, por Greimas e Fontanille (1993).

De forma geral, destaca-se que a narrativa de Gabriel se desenrola a partir do momento em que sua rotina é rompida pela chegada de Julianne Mitchell, uma jovem e doce estudante. O professor a associa à Beatriz, a musa dantesca que simboliza a graça divina. A presença de Julianne desencadeia em Gabriel um longo e doloroso movimento em direção a um novo patamar de existência, no qual o amor se revela como um valor absoluto, capaz de purificar, ressignificar e, finalmente, redimir.

Para mapear com precisão estes percursos narrativos, discursos e passionais, utilizamos como principal ferramenta analítica o referido Percurso Gerativo do Sentido. Este modelo, que descreve a geração do sentido em patamares de complexidade crescente, permite investigar a obra em três níveis articulados, a saber: (i) o *Nível Fundamental*, onde há a oposição semântica mais abstrata que sustenta todo o universo de valores do enunciado; (ii) o *Nível Narrativo*, no qual há os percursos em que um sujeito vai em busca de um Objeto-valor, segundo as etapas lógicas do próprio esquema narrativo canônico inscrito *no* e *pelo* texto; (iii) o *Nível Discursivo*, onde

examinaremos como esta estrutura abstrata é "vestida" por temas e figuras (as referências à arte renascentista, os jogos de luz e sombra), as estruturas narrativas se “encarnam” com as categorias de pessoa, tempo e espaço, configurando temas e figuras.

Adicionalmente, recorreremos também aos conceitos da *Semiótica das Paixões* (Greimas; Fontanille, 1993) para analisar não apenas o fazer do herói, mas também o seu ser, ou seja, a modulação de seus estados de alma ao longo da narrativa. Deste modo, espera-se compreender o fazer-fazer do personagem Gabriel em seu tensionamento passional. O viés da Psicolinguística vai amparar as reflexões finais deste estudo quando discutirmos os conceitos de mente e razão.

Destarte, entende-se que o *Inferno de Gabriel* não reside apenas em sua trama romântica, mas em uma sofisticada e coerente construção discursiva que encena uma das mais antigas e poderosas narrativas humanas: a busca por um sentido que transcenda a condição finita e sofrida da existência. Compreendendo isso, cabe salientar que o objetivo geral deste artigo é investigar, com base no arcabouço teórico-metodológico da Semiótica Discursiva, como a trilogia *O Inferno de Gabriel* constrói textualmente o complexo percurso de sentido de seu protagonista, analisando de que maneira a articulação entre as estruturas semio-narrativas nos níveis fundamental, narrativo e discursivo produz a construção do efeito de sentido de mente e, como este efeito de sentido, é vituperado pelo fazer estético e estésico do discurso literário.

Este objetivo geral orienta toda a pesquisa. Ele não se contenta em afirmar que o protagonista passa por uma transformação, mas busca responder à pergunta fundamental da semiótica: como o texto faz para dizer o que diz? Ou seja, o foco não está no conteúdo temático em si, mas na descrição e explicação dos mecanismos de linguagem que produzem o efeito de sentido de “mente”, no qual o protagonista é atormentado seja pelos acontecimentos que vivencia, seja pelos sentimentos que nutre por sua “Beatriz”.

Para tanto, foram definidos como objetivos específicos: (i) analisar a trilogia por meio do Percurso Gerativo do Sentido, segmentando os níveis fundamental, narrativo e discursivo; (ii) identificar a oposição semântica central da obra, formalizando-a através do quadrado semiótico; (iii) mapear o programa narrativo do protagonista Gabriel segundo as fases do esquema narrativo canônico e da estrutura actancial; (iv) examinar as isotopias temáticas e figurativas responsáveis pela construção de contrastes simbólicos recorrentes (como escuridão/luz, frio/calor); e (v) investigar a trajetória passional do personagem com base nas configurações modais e nas categorias da Semiótica das Paixões. A abordagem proposta permite refletir, à luz da psicolinguística, sobre os processos mentais de inferência, evocação de sentidos e engajamento

emocional do leitor diante dos mecanismos simbólicos ativados pelo texto, favorecendo uma leitura crítica, sensível e situada da obra literária.

DO VIÉS DA SEMIÓTICA DE LINHA FRANCESA

A decisão de empreender um estudo aprofundado sobre a trilogia *O Inferno de Gabriel* sob o prisma da Semiótica Discursiva não é arbitrária, mas firmemente ancorada em uma confluência de fatores que atestam tanto sua relevância quanto sua originalidade. Esta pesquisa se justifica por três pilares interligados: a importância do objeto de estudo no contexto cultural contemporâneo, a singularidade da abordagem teórica aplicada a este objeto, e a contribuição efetiva que o recorte analítico oferece aos campos dos estudos da linguagem e da narrativa.

Narrativas de grande circulação, muitas vezes rotuladas como “literatura de massa” ou “best-sellers”, são frequentemente desvalorizadas por critérios estéticos elitistas. No entanto, estas obras operam como verdadeiros sismógrafos culturais — não apenas refletindo, mas também moldando valores, crenças, modelos de conduta e ansiedades coletivas de uma sociedade em determinado momento histórico. Desconsiderá-las equivale a ignorar uma fatia expressiva da produção de sentido contemporâneo. Neste cenário, a trilogia *O Inferno de Gabriel* se destaca.

Longe de ser apenas mais uma repetição de clichês do romance sentimental, a obra se apropria de um arquétipo clássico — a redenção pelo amor — e o reinventa em um contexto secularizado e moderno, mantendo um diálogo explícito e constante com *A Divina Comédia* de Dante Alighieri, um dos pilares do cânone literário ocidental. Como nos lembra Calvino (1999), ler os clássicos significa estabelecer um diálogo contínuo entre o passado e o presente, em que a obra clássica nunca termina de dizer o que tem a dizer. A obra em análise, ao se apropriar do arquétipo da redenção pelo amor, exemplifica esta permanência ativa do clássico na cultura. Neste sentido, sua estrutura de significação torna-se uma arena de negociações simbólicas entre tradição e modernidade, em consonância com a concepção calviniana de que os clássicos moldam — e são moldados — pelos tempos em que são relidos.

O aspecto intertextual se revela como um material riquíssimo para investigar como elementos do imaginário clássico são reinterpretados à luz dos dilemas pós-modernos. Assim, analisar sua estrutura de significação implica estudar um processo cultural maior: a negociação de sentidos entre tradição e modernidade, entre culpa e perdão.

Em contraste com abordagens que privilegiam a recepção ou se limitam a julgamentos

impressionistas, a análise aqui proposta opera segundo uma perspectiva imanente, atenta às estruturas internas do texto e à lógica própria de sua produção de sentido. Como destaca Barros (1988), a teoria do discurso, ancorada na semiótica estrutural, permite a dissecação dos mecanismos profundos de significação, revelando como paixões, valores e conflitos são organizados em cadeias narrativas que articulam o plano do conteúdo ao da expressão. Acrescenta-se, ainda, que, ao confrontar o texto com o instrumental conceitual da semiótica, reafirma-se a potência crítica da teoria greimasiana na contemporaneidade, demonstrando que sua aplicação não se restringe ao cânone literário clássico, mas se estende a objetos narrativos diversos, conforme discutido por Farias Coelho, Costa e Fontanari (2015).

De modo geral, ao romper com a oposição entre alta cultura e cultura de massa, esta pesquisa contribui para a legitimação dos produtos culturais híbridos, ampliando o escopo de análise semiótica. Como aponta Fiorin (2008), esta abertura metodológica revela não apenas a plasticidade da linguagem, mas também a sua capacidade de mediar formas complexas de experiência e subjetividade. Portanto, a contribuição teórica central da pesquisa está no uso do vetor imanência-transcendência como chave de leitura analítica. Este eixo, mais do que uma simples oposição temática, funciona como ferramenta heurística oriunda dos desdobramentos mais recentes da semiótica, baseados na proposta de Greimas e Fontanille (1993).

Tal perspectiva destaca a dimensão afetiva e sensível do discurso, oferecendo meios de analisar narrativas de transformação subjetiva profunda. A trajetória de Gabriel Emerson, protagonista da trilogia, é lida aqui como a transição de um regime de valores corpóreos, concretos e disfóricos — marcado pela dor, culpa e pulsão — para um universo de abstração e euforia — onde o amor e a redenção operam como formas de transcendência. Esta abordagem permite não apenas iluminar o funcionamento interno da obra com profundidade inédita, mas também propor um modelo replicável para a análise de outros objetos culturais, sejam eles literários, cinematográficos ou midiáticos.

Ao articular teoria e objeto com este nível de precisão, o presente estudo oferece um prisma de análise da operacionalidade da Semiótica Discursiva em contextos não convencionais. E, ao fazê-lo, amplia as fronteiras da própria teoria, mostrando como ela pode ser aplicada não só para compreender narrativas canônicas (Calvino, 1999), mas para decifrar os modos pelos quais a linguagem continua a ser uma das ferramentas mais poderosas de construção da experiência humana diante do desejo de sentido que transcenda o imediato, o material e o finito (Coelho; Costa; Fontanari, 2015).

Da Proposta Metodológica

A presente pesquisa segue uma abordagem qualitativa, teórico-analítica, ancorada nos fundamentos epistemológicos e no instrumental metodológico da Semiótica Discursiva de linha francesa – com uma reflexão crítica da Psicolinguística, em seus fundamentos teóricos mais recentes sobre subjetividade e conceituação do que é mente e razão. Dada a natureza do problema — compreender como um texto literário constrói um percurso complexo de sentido sobre a mente do personagem Gabriel — é indispensável uma metodologia que ultrapasse a simples quantificação de dados ou descrição temática. Trata-se de uma sistematização do que se pode depreender das estruturas internas de significação. Por isso, assume-se, aqui, um método é dedutivo: parte-se dos conceitos e modelos já consolidados da teoria semiótica para aplicá-los com rigor ao *corpus*, permitindo, assim, não apenas validar a teoria, mas também enriquecê-la em contato com a singularidade da obra analisada.

O *corpus* da investigação é a trilogia completa de Sylvain Reynard constituída por estes títulos, a saber: *O Inferno de Gabriel* (Reynard, 2013), *O Julgamento de Gabriel* (Reynard, 2013) e *A Redenção de Gabriel* (Reynard, 2014), em suas edições brasileiras. A escolha pelos três volumes se dá pelo fato de que a narrativa se organiza como um macrotexto coeso. O percurso transformacional do protagonista apenas se completa ao final do terceiro livro, tornando qualquer análise parcial um recorte redutor e, portanto, insuficiente para os fins desta pesquisa. A análise é enriquecida com o apoio de documentos teóricos que fundamentam o referencial metodológico adotado — especialmente os textos sobre o princípio de imanência, o vetor da transcendência e excertos comentados da trilogia, que fornecem o material de análise para o presente estudo.

O núcleo metodológico da pesquisa é a análise textual imanente dos excertos selecionados. Para isso, eles foram selecionados conforme sua relevância no núcleo do enredo,

bem como por demonstrar percursos narrativos e discursos que o personagem Gabriel demonstra a construção de sua mentalidade. De modo a evitar subjetividade na seleção dos excertos, estes cumprem os seguintes critérios: (i) são relacionados ao personagem Gabriel; (ii) são representativos dos frequentes processos narrativos, discursivos e passionais do referido personagem; (iii) constituem o *modus operandi* da construção do sentido de mente dentro do escopo criativo e estético da identidade caracterizada por Gabriel em seus temas e figuras.

Para isso, cabe salientar, ainda, que esta escolha seguiu em estrita consonância com o princípio fundador da semiótica greimasiana, ou seja, a investigação se absteve de recorrer a

fatores extratextuais. Questões como a biografia do autor, o contexto histórico-social, a psicologia dos personagens ou a recepção crítica da obra são deliberadamente suspensas do escopo analítico. O texto é analisado como um sistema autônomo e fechado, um objeto de linguagem cujo sentido emerge exclusivamente da articulação interna de seus elementos — relações, oposições, transformações e correlações.

O percurso gerativo do sentido foi utilizado como simulacro metodológico. É essencial compreender que não se pretende afirmar que o autor tenha seguido este percurso de forma consciente, nem que o leitor o reconstrua nesta mesma ordem. Trata-se de uma ferramenta teórica que guia o olhar analítico, permitindo reconstruir, de forma sistemática e hierarquizada, o modo como o texto articula o sentido, da base lógica abstrata até sua manifestação sensível e discursiva (Discini, 2009). A operacionalização da análise se desdobra em etapas interdependentes, as quais descrevemos a seguir:

1. **Leitura e Impregnação:** inicia-se com leituras flutuantes do *corpus*, seguidas por releituras aprofundadas. Esta fase permite ao analista familiarizar-se com o universo narrativo e perceber as isotopias — repetições, oposições e regularidades — que estruturam o texto. É neste momento que surgem as primeiras hipóteses sobre a lógica da obra.
2. **Pesquisa Bibliográfica e Construção do Instrumental Teórico:** realiza-se o levantamento e fichamento das obras fundamentais da semiótica greimasiana, como os autores Algirdas Julien Greimas, Joseph Courtés, Jacques Fontanille e Diana Luz Pessoa de Barros. O domínio deste aparato conceitual evita interpretações errôneas ou aplicações mecânicas da teoria.
3. **Análise Estrutural por meio do Percurso Gerativo do Sentido:**
 - I. **Nível Fundamental:** busca-se identificar a categoria semântica que estrutura o universo da obra, formalizando-a no quadrado semiótico e mapeando as relações lógicas entre os valores em jogo.
 - II. **Nível Narrativo:** investiga-se como os valores abstratos se traduzem em ação, por meio da reconstrução dos programas narrativos, identificação da estrutura actancial e descrição das fases do esquema narrativo canônico.
 - III. **Nível Discursivo:** analisa-se como os elementos narrativos se manifestam no texto, explorando a tematização, figurativização, construção de tempo, espaço e pessoa, bem como as isotopias que sustentam a coerência do discurso.

4. Análise Passional: aprofunda-se a análise narrativa com foco nos regimes modais e nas paixões dos personagens. A trajetória de Gabriel, especialmente, é examinada como reorganização da economia passional, revelando os conflitos internos que sustentam sua transformação.

5. Síntese Interpretativa e Interdisciplinar: culmina na elaboração do texto analítico final, no qual os diferentes níveis do percurso gerativo são integrados em uma leitura coesa.

O objetivo não é apenas relatar achados analíticos isolados, mas demonstrar como estas camadas interagem para construir o efeito global de sentido: o deslocamento do protagonista da imanência à transcendência. Para isso, faz-se, aqui, também um acionamento interdisciplinar de fundamentos da Psicolinguística, em específico os conceitos de mente e razão.

Com esta metodologia, busca-se não uma interpretação subjetiva e livre, mas uma descrição mais rigorosa e fundamentada da lógica de produção de sentido que é imanente ao próprio texto (Greimas; Courtés, 2008). A sistematização desta análise garante sua verificabilidade e consistência, evitando arbitrariedades e reforçando a validade do método aplicado.

DA ANÁLISE SEMIÓTICA DAS FACETAS DA MENTE DE GABRIEL

A análise que se pretende realizar neste trabalho não parte de uma leitura intuitiva ou impressionista, mas se ancora no arcabouço teórico-metodológico da Semiótica Discursiva de linha francesa. Esta seção se dedica a apresentar, de forma detalhada, os conceitos e os modelos de análise que foram mobilizados para apreender e compreender a complexa engrenagem de produção de sentido da trilogia *O Inferno de Gabriel*. Cada conceito aqui exposto é um pilar sobre o qual se sustenta a interpretação do *corpus* selecionado.

Da Imanência Para a Transcendência

No cerne da epistemologia e do método da Semiótica Discursiva está o princípio de imanência, um postulado radical que define o que se analisa e como se analisa o sentido produzido no e pelo texto (Discini, 2009; Costa, 2014). Herdado da Linguística Estrutural, do dinamarquês Louis Hjelmslev e dos postulados de Ferdinand de Saussure, este princípio determina que a análise deve se ater ao objeto em si – no nosso caso, o texto –, buscando as leis de seu

funcionamento interno, sem recorrer a elementos que lhe são externos. Isso significa que, para o semioticista, o sentido não está na biografia do autor, nas intenções de produção, no contexto histórico ou na recepção do leitor, mas sim nas relações que os próprios elementos do texto estabelecem entre si. Nas palavras do semioticista lituano, “[...] a descrição de uma estrutura não é mais do que a construção de um modelo metalinguístico, percebido em sua coerência interna e capaz de mostrar o funcionamento, no seio de sua manifestação, da linguagem que se propõe descrever” (Greimas, 1967, p. 125).

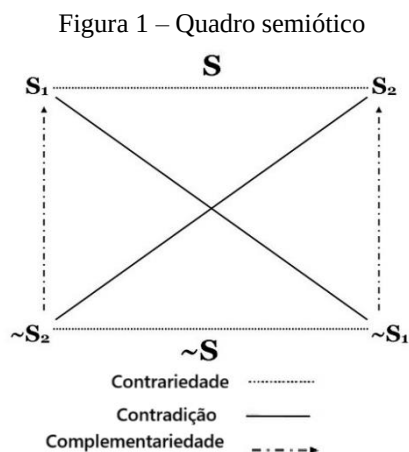
Conforme discute Costa (2014), trata-se de uma imanência metodológica, um recorte que considera o texto como um todo de significação autônomo e coerente recuperável por um aparato metodológico que é, como dito pelo mestre lituano, um modelo metalinguístico. O texto, para a semiótica, não é um espelho transparente que reflete o mundo real; ao contrário, é um sistema de linguagem que produz um efeito de mundo, uma ilusão referencial. Portanto, o que se analisa é o parecer do sentido (*le paraître*), a forma como a significação se manifesta e se torna apreensível no discurso, e não uma verdade ou uma realidade exterior a ele (Greimas; Courtés, 2008). É esta premissa que nos leva a analisar *O Inferno de Gabriel* não por sua fidelidade a uma experiência psicológica real, mas pela coerência interna de seu próprio universo de sentido, pelas regras que ele mesmo estabelece e segue.

Para dar conta do plano do conteúdo e para operacionalizar o princípio de imanência, Algirdas Julien Greimas propôs um modelo teórico que se tornou a espinha dorsal da Semiótica francesa: o Percurso Gerativo do Sentido. Este modelo não descreve o processo cronológico da escrita ou da leitura, mas sim a arquitetura lógica da significação, simulando sua geração em patamares hierárquicos que vão do mais simples e abstrato ao mais concreto. Ele é composto por três grandes níveis articulados. Fiorin (2008b) assim explica este aparato metodológico da semiótica francesa:

Quando falamos em percurso gerativo do sentido, estamos analisando o nível do conteúdo. No entanto, o conteúdo só pode ser manifestado por meio de um plano de expressão. No momento em que, no simulacro metodológico, temos a junção do plano de conteúdo com um plano de expressão, ocorre a textualização. O texto é, assim, uma unidade que se dirige para a manifestação. Seu conteúdo, engendrado por um percurso gerativo que vai do mais simples e abstrato ao mais concreto, manifesta-se por um plano da expressão. Aí, então, sofre a coerção do material que o veicula. Por exemplo, dado que o significante da linguagem verbal é linear, o conteúdo manifesto verbalmente será submetido à linearização (Fiorin, 2008b, p. 22).

Na base de todo discurso, em seu nível mais profundo, há uma estrutura elementar de

natureza lógico-semântica. Aqui, a significação se articula a partir de uma categoria semântica fundamental, uma oposição entre dois termos contrários (por exemplo, vida vs. morte; natureza vs. cultura). Esta oposição inicial é projetada sobre o quadrado semiótico, uma representação visual das relações lógicas que um conceito pode manter com os outros. O quadrado permite visualizar não apenas os contrários (S_1 vs. S_2), mas também seus contraditórios (não- S_2 e não- S_1) e as relações de implicação entre eles. Longe de ser uma estrutura estática, o quadrado representa a sintaxe fundamental: ele mostra as operações mais elementares de negação e asserção que dinamizam os valores e criam as condições para o surgimento de uma narrativa. Uma história, em sua essência mais abstrata, pode ser descrita como o percurso de um actante que se move entre as diferentes posições deste quadrado, afirmando um valor e negando outro. É o “DNA” do universo de valores da obra.



Fonte: Elaboração própria a partir de Greimas e Courtés (2008).

No nível intermediário – isto é, no nível narrativo –, os valores abstratos do nível fundamental são “convertidos” em objetivos e as operações lógicas, em ações. A teoria descreve a narrativa mínima como a transformação de um estado de disjunção (separação) para um estado de conjunção (união) entre um Sujeito e um Objeto investido de valor. Este percurso é formalizado no esquema narrativo, um modelo que descreve a sucessão lógica e necessária de quatro fases para que uma narrativa se complete:

- **Manipulação:** É a fase contratual, o ponto de partida. Aqui, um Destinador (quem detém os valores) persuade o Sujeito a aceitar uma missão ou busca. Esta persuasão se dá por quatro vias: tentação (promessa de recompensa), intimidação (ameaça de punição), provocação ou sedução. O resultado é a modalização do Sujeito pelo querer-fazer ou pelo

dever-fazer.

- Competência: Antes de agir, o Sujeito precisa se tornar apto. Esta é a fase de aquisição dos meios para a ação, na qual o Sujeito é modalizado com o saber-fazer (adquirir o conhecimento necessário) e o poder-fazer (adquirir os meios ou a força para agir).
- Performance: É o clímax, a ação transformadora em si, o fazer-ser que efetivamente altera o estado das coisas e busca a conjunção com o Objeto-valor.
- Sanção: É a fase do julgamento. O Destinador inicial reaparece para reconhecer e julgar a performance do Sujeito, resultando em uma sanção positiva (recompensa, reconhecimento) ou negativa (punição, fracasso).

No nível discursivo, é o patamar mais superficial, o da manifestação textual, onde as estruturas abstratas anteriores são finalmente “revestidas” e se tornam reconhecíveis para nós. Isso ocorre por meio dos procedimentos de discursivização. A sintaxe discursiva, através de mecanismos como a debreagem (que cria no texto as marcas de pessoa, tempo e espaço, produzindo o “simulacro da enunciação”) e a embreagem (que retorna ao “eu-aqui-agora” do narrador), constrói a ilusão de um mundo narrado.

A semântica discursiva, por sua vez, organiza o conteúdo em percursos temáticos (conceitos abstratos que percorrem o texto, como “redenção” ou “culpa”) e percursos figurativos (elementos concretos do mundo sensível, como “luz”, “escuridão”, “maçã”, “ponte”). É a reiteração coerente de certas figuras, formando isotopias, que cria a consistência, a profundidade e o “efeito de real” do texto, fazendo com que os significados pareçam ser factuais à nossa percepção do que é e do que existe ao nosso ser e estar no mundo. Como explica Discini (2009, p. 598),

Embora voltado para a concepção substancialista do signo, ao pensá-lo como um significante e um significado “intimamente unidos” numa relação em que “um reclama o outro” (SAUSSURE, 1970, p.80), por meio da noção de valor, Saussure oferece base para a concepção do sentido visto no aquém (imanência) da substância e no entorno ou além do próprio signo (transcendência).

Para inquirir este aquém do signo, trazemos à luz as contribuições da Semiótica das Paixões, propostas por Greimas e Fontanille (1993). este repertório teórico discute-se na subseção a seguir.

A Semiótica das Paixões: Para Além da Ação, os Estados de Alma

Reconhecendo que um modelo puramente baseado na ação (na performance) era insuficiente para dar conta da experiência humana narrada, a semiótica, em seus desenvolvimentos posteriores com Greimas e Jacques Fontanille (1993), voltou-se para a dimensão patêmica, ou seja, afetiva. A Semiótica das Paixões busca descrever os “estados de alma” não como sentimentos inefáveis e inacessíveis, mas como efeitos de sentido construídos no discurso. Para isso, este prisma analisa as paixões como configurações modais.

Segundo Greimas e Fontanille (1993), paixões como a raiva, a esperança, o ciúme ou a angústia são decompostas e analisadas a partir das relações tensas entre as modalidades do querer, dever, saber e poder do sujeito, e sua relação com a percepção que ele tem sobre o ser e o parecer das coisas. A angústia, por exemplo, pode ser descrita como um estado em que o sujeito sabe que deve fazer algo, mas crê não poder fazê-lo. Esta abordagem nos permite analisar o percurso de Gabriel não só como uma sequência de ações, mas como uma profunda e dolorosa reorganização de sua economia afetiva.

Neste trabalho, propomos como eixo central de análise a oposição imanência/transcendência, não enquanto simples contraste metafísico – como se poderia imaginar em uma percepção simplista do par semântico –, mas como forma tensiva de percorrer afetivamente o mundo. Este vetor orienta o percurso passional de Gabriel, personagem da obra Sylvain Reynard, articulando-se de forma intertextual com o trajeto ascensional de Dante em *A Divina Comédia*. A imanência, aqui, não é apenas o ponto de partida do sujeito, mas sua instalação sensível no mundo, marcada por paixões, culpa e gozos efêmeros – que se configuram em uma prisão existencial.

A transcendência, neste mesmo registro, não é mera uma superação individual ou moralizante. Ela emerge como modo de reorganização do sentido através de um valor absoluto – como o Amor ou a Redenção –, que remete diretamente à tessitura simbólica da obra dantesca. A intertextualidade entre os dois textos opera como uma estratégia discursiva e narratológica singular que segue a estrutura comercial do gênero, recorrendo ao arquétipo de transformação para garantir o apelo mercadológico junto ao público leitor. Essa estratégia guia o percurso do herói apaixonado, inscrevendo-o num modelo de ascensão popular (Greimas; Courtés, 2008; Greimas; Fontanille, 1993).

Com efeito, o percurso narrativo e passional de Gabriel refaz, de modo figurativizado, o

percurso de Dante: ambos mergulham na escuridão do desejo e da falta para, por meio da alteridade (representada por Beatriz no primeiro caso, e por Julianne no segundo), buscar a luz de uma nova configuração do ser. Esta duplicidade intertextual reatualiza o arquétipo da travessia como modelo ético, estético e passional, oferecendo à obra contemporânea uma dimensão icônica. Não é apenas uma intertextualidade, é um modo passional e narrativo de ser e habitar a configuração dos efeitos de sentido no e pelo texto⁴.

Neste diapasão, a imanência, então, não é o oposto da transcendência, mas o seu ponto de partida necessário, o plano de afecção a partir do qual o sujeito é impelido a transitar, intensivamente, em direção ao Outro, ao Absoluto, ao Desvelamento. É na própria linguagem — e não fora dela — que se dá este movimento: o discurso se torna o lugar em que o sujeito apaixonado se constitui e se transforma. Em outras palavras, Gabriel não é uma sombra de Dante, mas a própria transfiguração de sua jornada, isto é, um outro paralelo dimensional do mesmo *éthos*.

Neste percurso, o sujeito não é apenas afetado; ele se constitui como presença sensível, um ator da enunciação dotado de *éthos*. Como aponta Discini (2009), esta imagem do sujeito é depreensível de uma totalidade discursiva, e não se fecha em si. Ao contrário, ela se define pela sua responsividade aos valores que modulam o mundo e ao modo como este mundo é narrado. Gabriel, enquanto sujeito semiótico, encarna uma estilística discursiva em que o *pathos* e a axiologia se entrelaçam. Desta forma, *O Inferno de Gabriel* não apenas remete a Dante como referência; ele reconstrói seu modelo narrativo e simbólico, operando uma intertextualidade estrutural (Genette, 2010) que inscreve o amor como via de salvação e conhecimento. A paixão de Gabriel é, portanto, mais do que desejo: é a narrativa da transformação, onde o percurso do corpo conduz à essência, e a linguagem, à plenitude de sentido.

A GRAMÁTICA DA REDENÇÃO EM “O INFERNO DE GABRIEL”

Nesta seção, procedemos à aplicação sistemática do arcabouço teórico-metodológico da Semiótica Discursiva ao nosso *corpus*. O objetivo é desvelar a “gramática” interna da trilogia,

⁴ Destaca-se que o percurso passional de Gabriel, na trilogia *O Inferno de Gabriel*, também pode ser lido como um hipertexto da *Divina Comédia* de Dante, em termos genettianos. Neste quadro, a obra dantesca funciona como hipotexto estruturante, cujas categorias narrativas e axiológicas são retomadas e transformadas na tessitura discursiva contemporânea. Nas palavras do narratologista francês, “Chamo de hipertexto todo texto derivado de outro texto anterior por transformação ou imitação. O texto anterior, chamado de hipotexto, não é necessariamente citado, mas sua estrutura e função são reativadas sob novas formas no texto posterior” (Genette, 2010, p. 9).

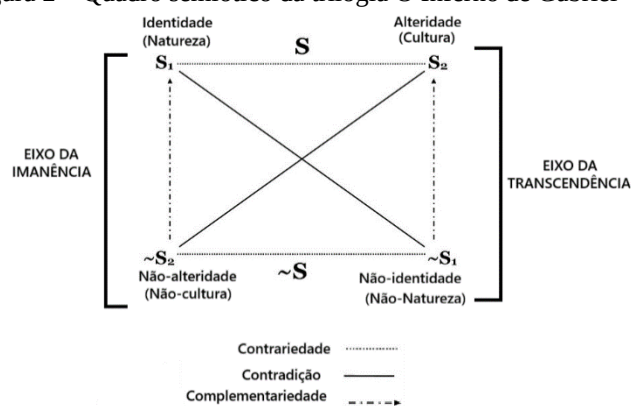
demonstrando como a jornada de redenção do protagonista, Gabriel Emerson, é uma construção de sentido coerente, articulada nos diferentes níveis do Percorso Gerativo. A análise seguirá uma ordem progressiva, partindo do nível mais abstrato e fundamental, passando pelo nível narrativo da ação, até chegar ao nível discursivo da manifestação, onde as paixões e as figuras dão “carne discursiva” à estrutura esquemática dos signos linguísticos.

No nível mais profundo da trilogia *O Inferno de Gabriel*, a estrutura semântica se organiza em torno da tensão entre identidade e alteridade, não como simples oposição moral ou metafísica, mas como eixos fundamentais de uma problemática existencial. Nesta lógica, a identidade não é pensada como o fechamento no mesmo, mas como o vínculo do sujeito com sua própria natureza, sua capacidade de agir, de desejar, de seguir o fluxo vital que lhe é próprio — aquilo que Gabriel encarna em sua jornada íntima, em sua luta por permanecer fiel à força de seu desejo e à verdade de sua experiência sensível.

A alteridade, por outro lado, aparece como aquilo que se impõe ao sujeito desde fora: o olhar do outro, o julgamento social, os códigos morais encarnados sobretudo pela figura de Beatriz, cuja função simbólica ultrapassa o romance e atinge o registro cultural. Beatriz representa uma forma de transcendência idealizada que frequentemente contrasta com a verdade viva do desejo e da carne. Ela personifica a cultura que tenta domesticar a natureza.

Esta tensão é produtiva: não se trata de uma simples dicotomia entre corpo e essência, mas de uma dialética entre a autenticidade do ser (identidade como fidelidade à natureza) e a idealização do outro (alteridade como projeção de valores normativos). No plano semiótico, este embate pode ser formalizado no quadrado semiótico, onde os pólos identidade/alteridade e suas negações respectivas (não-identidade, não-alteridade) se entrecruzam, revelando os percursos de sentido que estruturam o drama existencial dos personagens.

Figura 2 – Quadro semiótico da trilogia O Inferno de Gabriel



Fonte: Elaboração própria.

A obra, assim, se articula não como um percurso rumo à transcendência (vai do S1 - Identidade/~S2 -Não-Cultura para S2 – Alteridade/~S1 – Não-identidade), mas como uma travessia crítica: Gabriel não busca superar o corpo, mas reconhecer-se nele. Sua trajetória, longe de obedecer a uma narrativa de redenção espiritual tradicional, é antes um gesto de afirmação vital — uma reconciliação com a própria imanência (S1 -Identidade/~S2 -Não-Cultura), contra a lógica de sacrifício que a alteridade impõe (S2 – Alteridade/~S1 – Não-identidade). A obra, neste sentido, tensiona a oposição clássica entre natureza e cultura, reconfigurando os termos: a redenção possível não está em transcender o desejo (S1 -Identidade), mas em integrá-lo à experiência do amor vivido (~S2 -Não-Cultura) — amor que não sublima, mas que habita o corpo, com todas as suas sombras e luzes.

Nota-se, ainda, que o conflito do enredo, começa com Gabriel firmemente posicionado nos termos disfóricos (negativos) do quadrado (~S1/~S2). Ele não está apenas em um dos pólos, mas na intersecção de ambos (não-identidade/não-cultura). Ele vive no domínio do corpo (S1 – identidade/natureza), entregue a uma vida de excessos, como a própria sinopse do livro descreve: “à noite ele se dedica a uma vida desinibida na busca do prazer” (Reynard, 2013, p. 01). Ao mesmo tempo, ele se encontra no estado de não-identidade (~S1), um estado de angústia, vazio e ausência de sentido, “atormetado por seu passado sombrio, consumido pela crença profunda de que ele está além de toda esperança e redenção” (Reynard, 2013, p. 01). Esta combinação de excesso material e vazio existencial define seu “inferno” pessoal.

A chegada de Julianne, a figura da transcendência, abre a possibilidade de um percurso transformador. Para alcançar a identidade (S1), a narrativa demonstra que ele não pode simplesmente saltar de um pólo a outro – isto é, de S2 para S1 ou vice-versa. Ele precisa, primeiro, realizar uma operação de negação de seu estado inicial, o que o leva à posição de não-cultura

(~S2). Este percurso se manifesta narrativamente de forma muito clara em sua decisão de se abster de relações sexuais com Julianne por um longo período. Este ato não é uma negação da sexualidade em si, mas uma negação do corpo como pura pulsão (natureza), para que ele possa ser, mais tarde, ressignificado pela cultura que cultivou em si (S2 – alteridade/cultura). Esta fase de renúncia, de ascese, é o seu “purgatório”, o momento em que ele ativamente nega o que era para se tornar apto a ser algo novo (~S1 – não-identidade; não-natureza). Toda a trilogia pode, assim, ser lida como o percurso lógico de Gabriel por estas posições, saindo do eixo da imanência (S1 e ~S2) em direção ao eixo da transcendência (S2 e ~S1), onde o corpo e a essência encontram uma nova síntese – mesmo assim, Gabriel não faz isso, como dito, de forma canônica, já que, por vezes, ele fica entre os dois eixos, o que faz diferente da obra dantesca.

A jornada de Gabriel pelo quadrado semiótico manifesta-se, no nível narrativo, como um percurso de transformação que se encaixa com precisão no modelo do esquema narrativo semiótico. A história de sua redenção segue as quatro fases lógicas que a semiótica postula como a base de toda narrativa completa (Barros, 1988). A fase inicial do percurso é a da manipulação, o momento em que o Sujeito (Gabriel) é levado a aceitar uma “missão”. O Destinador (quem instaura a busca) é, a princípio, a própria figura de Julianne, que Gabriel imediatamente investe do valor simbólico de Beatriz, a guia de Dante. A manipulação se dá por sedução: a pureza, a inocência e a luz que emanam de Julianne o fazem desejar um estado diferente daquele em que se encontra, o fazem querer ser melhor (S2 – alteridade/cultura). O contrato que sela esta fase é estabelecido na promessa que ele faz, mais para si mesmo do que para ela, um verdadeiro voto: “Eu amo você, Beatriz. Não vou abandoná-la” (Reynard, 2013, p. 05). A partir deste momento, ele está modalizado pelo dever-fazer (ele deve se tornar digno dela) e pelo querer-fazer (ele quer alcançar a redenção, que se torna seu Objeto-valor). Esta é a fase mais extensa e conflituosa da trilogia, dominando a maior parte do Livro 1, intitulado *O Inferno de Gabriel*, e, especialmente, do Livro 2, intitulado *O Julgamento de Gabriel*. Para ser capaz de realizar a performance da transformação, Gabriel precisa adquirir competência, ou seja, as modalidades do saber-fazer e do poder-fazer.

O saber-fazer consiste em um aprendizado cognitivo e afetivo. Ele precisa aprender a confiar, a se comunicar, a perdoar a si mesmo e a compreender a natureza do amor verdadeiro, que não é posse, mas entrega. Esse aprendizado ocorre através de longos diálogos com Julianne e de dolorosas reflexões sobre seu passado, como no momento em que ele confessa sua dor: “Claro que eu queria estar lá! Eu a amava. [...] Eu sinto muito...” (Reynard, 2013, p. 09). Seu

conhecimento acadêmico sobre Dante, antes frio e distante, precisa se tornar um saber vivido e aplicado a si mesmo.

O poder-fazer representa, por sua vez, a capacidade de agir, de resistir e de proteger. Esta competência é adquirida e testada em uma série de provas. A ex-amante Paulina funciona como a principal Oponente, testando constantemente sua fidelidade e seu poder de resistir às tentações do passado. O comitê disciplinar da universidade, que o julga por seu relacionamento com uma estudante, é outra prova crucial que testa seu poder de proteger seu amor contra as regras do mundo. Em todo este percurso, Julianne atua como a principal Adjuvante, fornecendo-lhe o saber, a paciência e a força necessários para que ele não desista.

A performance é a ação decisiva que efetiva a transformação. No caso de Gabriel, não se trata de uma única ação, mas de uma série de atos concretos que manifestam sua mudança interna. Cada ato é um fazer que o afasta do polo da imanência e o aproxima da transcendência. A recusa em atender a uma ligação de Paulina, enquanto está com Julianne, selada pela frase: “Não vou atender, então não tem importância. Na minha cama, só existimos nós dois” (Reynard, 2013, p. 07) – esta é uma performance crucial dentro da trama. É o ato de fechar a porta para o passado, uma negação performática do “homem que ele era” (Reynard, 2013, p. 07). Outras performances decisivas incluem o ato de se ajoelhar e pedir perdão a Julianne, a defesa pública que faz dela perante a universidade (colocando sua carreira em risco por um valor maior) e, finalmente, o pedido de casamento, que é a performance que o projeta definitivamente para um futuro de conjunção com seu Objeto-valor.

A fase da sanção, que domina o Livro 3, intitulado *A Redenção de Gabriel*, é a do reconhecimento do sucesso de sua performance. A sanção é tanto pragmática (ele é recompensado com resultados concretos: casa-se com Julianne, consegue superar os obstáculos legais para a adoção, constrói uma vida familiar) quanto, e mais importante, cognitiva. Ele é reconhecido por todos como um homem mudado, mas a sanção final é a que ele dá a si mesmo: ele se perdoa, alcançando a paz interior. O Destinador (Julianne/Beatriz), que iniciou o processo, agora o julga positivamente, e a narrativa se encerra com a conjunção plena e duradoura do Sujeito com seu Objeto-valor: uma vida redimida, plena de amor e sentido.

No nível discursivo, as estruturas abstratas que analisamos até aqui ganham vida e nos emocionam porque são “vestidas” por uma densa e coerente rede de figuras e temas. O estado inicial de Gabriel é discursivamente construído por uma isotopia figurativa disfórica, ou seja, pela repetição de figuras que constroem um universo de sentido negativo. Seu “inferno” pessoal é

constantemente associado à escuridão, ao frio, ao subterrâneo. Seus encontros sexuais são descritos como sombrios e vazios. Seu apartamento, antes de Julianne, é um espaço impessoal e gélido. A relação com a Oponente, Paulina, é marcada por figuras de excesso, destruição e um erotismo agressivo. A própria cidade de Toronto, no inverno rigoroso, funciona como uma figura do estado de sua alma: um lugar frio e sem luz.

Em perfeito contraste, o percurso de redenção é marcado por uma isotopia eufórica. Julianne é sistematicamente associada à luz, aos anjos e à pureza. O amor deles floresce em espaços simbólicos, como o pomar – uma clara figura do Éden reencontrado, onde, como ele diz, “descobri a verdadeira beleza” (Reynard, 2013, p. 09). A jornada os leva a cidades como Florença, berço do Renascimento, figurando um renascer transcendental para Gabriel. A arte (as pinturas de Botticelli, a poesia de Dante) é uma figura recorrente que serve como mediadora para o acesso ao sublime. Toda a jornada é construída como uma ascensão, do inferno frio de Toronto ao paraíso luminoso encontrado na Itália e, finalmente, dentro de si mesmo.

O diálogo com *A Divina Comédia* é o principal operador temático da trilogia. Gabriel não é apenas um especialista em Dante; ele vive uma versão moderna da jornada dantesca – mas como paralelo e não como repetição, como já afirmamos. Os títulos dos livros são uma evidência explícita: ele está em seu “Inferno” pessoal, passa por um “Purgatório” de provações (O Julgamento) e alcança o “Paraíso” do amor redimido (A Redenção). Julianne não é apenas comparada a Beatriz; ela cumpre a mesma função actancial de guia redentora, aquela que o conduz da escuridão para a luz. Esta estratégia discursiva é fundamental, pois confere à narrativa uma profundidade simbólica e um peso canônico que a elevam acima de um simples romance, escrevendo uma história de amor contemporânea na longa tradição ocidental da narrativa de salvação.

O percurso de Gabriel é, fundamentalmente, passional. Sua transformação não seria crível se fosse apenas uma mudança de ações; ela precisa ser uma reorganização de seus “estados de alma”. A Semiótica das Paixões nos permite analisar isso. O protagonista Gabriel parte de um estado de angústia, que pode ser modalmente descrito pela culpa (dever-não-ser o que ele foi) e pelo desespero (crer-não-poder-ser diferente). É uma tensão paralisante. A chegada de Julianne instala a esperança, que é a crença na possibilidade de um futuro melhor (crer-poder-ser redimido). Sua jornada é uma constante modulação de suas paixões. A ira, que o dominava em suas reações explosivas, é lentamente transformada em paciência. O ciúme possessivo, uma paixão baseada no não-saber e no medo da perda, é transformado em confiança, baseada no saber

compartilhado e no querer-ser-conjunto.

A transformação mais profunda ocorre na ressignificação da luxúria. A paixão do corpo, antes uma busca imanente e solitária de prazer, é integrada e ressignificada pelo amor-ternura, uma paixão que une corpo e essência. O ato sexual – como expresso na citação: “Pertencemos um ao outro agora, em todos os sentidos” (Reynard, 2013, p. 10) – deixa de ser uma performance da natureza/identidade (eixo da imanência) para se tornar um ato de alteridade/cultura (eixo da transcendência). É a síntese final onde a oposição fundamental entre corpo e essência se resolve, não pela anulação de um dos termos, mas pela sua harmonização sob o domínio do valor transcendente do amor (S2/~S1).

ENTRE MENTE E RAZÃO: DIÁLOGO DA SEMIÓTICA COM A PSICOLINGUÍSTICA

Segundo Ferrari (2012), quando se trata das discussões acerca da noção de mente e razão,

A Filosofia da Mente vem, há alguns anos, tratando da questão das relações entre os aspectos físicos (biológicos) e os aspectos mentais do conhecimento, e, ainda que suas reflexões não sejam elaboradas diretamente da observação dos fatos da linguagem, é possível que suas conclusões sejam aplicadas à integração das ciências da linguagem na medida em que se considera esta última como sendo um sistema cognitivo que é biologicamente determinado pelas características da espécie humana (Ferrari Neto, 2012, p. 95).

O campo interdisciplinar que conecta a Psicolinguística e a Semiótica Discursiva e a tem se mostrado cada vez mais fértil para compreender como o sentido é construído no discurso e processado cognitivamente. Conforme destaca Ferrari Neto (2012) acima, há pesquisadores que buscam evidências empíricas capazes de demonstrar isomorfias entre as operações sintáticas da linguagem (derivação de sentenças, por exemplo) e os mecanismos mentais de produção linguística. Esta aproximação, especialmente no diálogo com as neurociências, reforça a ideia de que a linguagem pode oferecer pistas confiáveis sobre a forma como os conteúdos são representados e computados no cérebro — como sugere Marantz (1995), ao postular que a Linguística fornece hipóteses consistentes para se compreender a arquitetura mental e cerebral da linguagem.

No ponto de intersecção entre estas abordagens, a Semiótica Discursiva de linha francesa amplia o horizonte da investigação ao considerar que a linguagem, mais do que um simples sistema de representação, é também uma instância de enunciação. Isto é, ela não apenas comunica

ideias, mas constrói mundos sensíveis e configura estados de alma (Greimas; Courtés, 2008). Como afirmam Greimas e Fontanille (1993), os discursos figuram não apenas ações, mas também paixões, organizando os afetos em regimes modais que são, por sua vez, acessíveis à análise estruturada.

É neste enquadramento que a trilogia *O Inferno de Gabriel* se mostrou um *corpus* privilegiado. A obra de Sylvain Reynard, embora inserida no circuito do best-seller contemporâneo, realiza uma operação narrativa e simbólica sofisticada: a tematização da mente como campo de conflito, transformação e transcendência. O protagonista Gabriel não é apenas um sujeito da ação, mas um sujeito de transformação. Seu percurso é marcado por tensões intensas entre o querer e o dever, entre o saber e o poder — categorias modais que, ao serem moduladas no texto, constroem um verdadeiro “teatro das paixões humanas”.

Estes estados passionais não se manifestam de forma aleatória ou superficial, mas são articulados como um sistema de sentido, obedecendo a uma lógica discursiva que é, ao mesmo tempo, interna ao texto (pela imanência) e intersubjetiva (pela transcendência, ao mobilizar efeitos cognitivos e emocionais no leitor). Como propõe Prado (2018), ao refletir sobre a leitura literária sob a ótica da Psicolinguística, o engajamento do leitor com a narrativa se dá por processos inferenciais dinâmicos, ativados pelos sinais linguísticos e simbólicos do texto, que exigem tanto operações de memória quanto de projeção emocional. Isso significa que o leitor de *O Inferno de Gabriel* não apenas acompanha uma história de redenção; ele a reconstrói cognitivamente, modulando seus próprios afetos à medida que interpreta os sinais discursivos da jornada de Gabriel. De novo, não é uma releitura dantesca, mas é criação de um novo paralelo simbólico – em termos neurolinguístico, um novo frame para o significado⁵.

Neste sentido, a obra desafia o leitor a habitar a mente do personagem — não como um espelho direto de sua psicologia, mas como uma estrutura narrativa e simbólica que simula o funcionamento da mente enquanto campo tensivo entre pulsão e razão, natureza e cultura, identidade e alteridade. A configuração do protagonista, portanto, não é estática ou homogênea; ela se desdobra em múltiplas ramificações, revelando a plasticidade da mente como construto discursivo. Como demonstra o modelo do percurso gerativo do sentido, o texto organiza esta multiplicidade por meio de camadas progressivas — do nível fundamental (as categorias

⁵ Segundo Lakoff (2008), frames são estruturas cognitivas que moldam a forma como percebemos, organizamos e expressamos a realidade. São molduras mentais que ativam esquemas conceituais e direcionam a interpretação linguística e discursiva, afetando inclusive o modo como nos posicionamos ética, emocional e politicamente diante do que é dito ou escrito (Lakoff, 2008).

semânticas como imanência e transcendência), passando pelo nível narrativo (os programas de transformação), até o nível discursivo (as figuras e isotopias que encarnam simbolicamente os afetos e valores).

Assim, a trilogia não apenas reescreve o arquétipo dantesco de queda e ascensão, mas o ressignifica à luz da sensibilidade contemporânea, reconfigurando o cânone por dentro, a partir da subjetividade vivida e narrada (do eixo da imanência para o eixo da transcendência). A figura de Beatriz, aqui reatualizada como Julianne, deixa de ser um símbolo puramente transcendente e se torna uma alteridade afetiva concreta, cuja presença instaura a possibilidade de reorganização da identidade. Como observa Discini (2009), o discurso literário não fixa sentidos, mas os tensiona. E é neste tensionamento — entre o legado cultural (cânone) e a experiência individual (mente discursiva) — que *O Inferno* de Gabriel constrói sua potência estética e cognitiva.

De modo geral, a trilogia opera como um campo experimental para pensar a mente não como substância, mas como processo: um entrelaçamento de linguagem, afeto e razão. O sujeito textual emerge, então, como um ser em trânsito — um “eu” que se produz nas articulações do discurso e que, ao ser lido, convoca o leitor a percorrer, também ele, um caminho de transformação. A análise semiótica, conjugada com as contribuições da Psicolinguística, permite não apenas compreender esta dinâmica, mas também descrevê-la com precisão, ampliando nossa capacidade de ler a literatura como dispositivo de pensamento e lugar privilegiado da mente em movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste percurso analítico, que nos conduziu pelas intrincadas estruturas de significação da trilogia *O Inferno* de Gabriel, é possível afirmar, com segurança e fundamentação, que a obra constitui um objeto discursivo de notável complexidade, coerência e profundidade. A análise, pautada pelo rigor metodológico da Semiótica Discursiva, permitiu-nos transcender a superfície de um romance sentimental para desvelar uma robusta e sofisticada arquitetura de sentido. Demonstramos que a narrativa, em todos os seus níveis de organização, encena de forma exemplar o percurso arquetípico de transformação de seu protagonista: uma jornada que o conduz de um plano de imanência, marcado pela dor, pela culpa e pela fragmentação do ser, a um plano de transcendência, onde a plenitude do sentido é finalmente encontrada no poder redentor do amor.

A presente investigação provou que esta jornada não é um mero acontecimento temático, mas uma construção metódica e sistêmica. No nível fundamental, a identificação da oposição entre corpo e essência como categoria semântica basilar revelou a matriz axiológica (o sistema de valores) que governa e dá lógica a todo o universo narrativo. No nível narrativo, demonstramos que a busca de Gabriel pela redenção não é aleatória, mas se desdobra de forma exemplar segundo a lógica do esquema narrativo canônico, cumprindo rigorosamente as fases de manipulação, competência, performance e sanção, o que confere à trama uma forte verossimilhança e um senso de inevitabilidade. Já no nível discursivo, a análise das isotopias e do intertexto dantesco mostrou como uma densa e coesa rede de figuras materializa a transformação do herói, enquanto a investigação de seu percurso passional confirmou que sua conversão não é apenas de atos, mas uma profunda reorganização de seus “estados de alma”, o que confere profundidade e credibilidade à sua jornada.

As implicações deste estudo se desdobram em múltiplas direções. Primeiramente, ele reitera a potência e a pertinência da Semiótica Discursiva como ferramenta para a análise literária. Ao fornecer um método rigoroso para a descrição do plano do conteúdo, a teoria permite desvelar a “gramática interna dos textos”, explicando cientificamente como os efeitos de sentido, tanto cognitivos quanto afetivos, são produzidos (Discini, 2009). A aplicação deste modelo a um fenômeno da cultura de massa contemporânea cumpre um duplo papel: por um lado, válida a complexidade do objeto, tratando um best-seller com a seriedade acadêmica que sua elaborada construção merece e desafiando hierarquias culturais. Por outro lado, atesta a vitalidade da própria teoria semiótica, demonstrando sua capacidade de adaptação e sua pertinência para iluminar os discursos que nos cercam hoje.

Ademais, a análise da saga de Gabriel Emerson, em sua busca por perdão e amor, transcende o estudo de caso. Sua história, ao mobilizar estruturas arquetípicas tão profundas, ecoa uma busca humana universal por um sentido que organize o caos da existência. A imensa popularidade da obra pode ser vista como um sintoma de um anseio coletivo por narrativas que não apenas entretenham, mas que também ofereçam percursos de transformação e esperança. Ao dissecar a trajetória de Gabriel, este trabalho ofereceu uma nova chave de leitura para a obra e, de forma mais ampla, reafirmou o poder fundamental da linguagem de não apenas descrever o mundo, mas de estruturar a experiência, de projetar mundos possíveis e de oferecer modelos de superação.

Naturalmente, toda pesquisa abre novas portas. Fica, como sugestão para futuros

trabalhos, a aplicação deste mesmo modelo analítico a outras narrativas contemporâneas de redenção, a fim de estabelecer um estudo comparativo sobre as diferentes configurações semióticas deste que é, talvez, um dos mais perenes temas da condição humana. Seria igualmente profícuo um estudo dedicado aos programas narrativos dos Oponentes (como Paulina), para compreender como a semiótica da tentação se constrói em contraponto à da salvação. Por conseguinte, este trabalho buscou demonstrar que, sob a trama de um romance apaixonante, pulsa uma lógica discursiva rigorosa. A jornada de Gabriel de seu inferno pessoal ao paraíso do amor reencontrado não é apenas uma história que lemos, mas uma máquina de sentido complexo que, por meio de suas estruturas semionarrativas, discursivas e passionais, nos convida a crer na possibilidade da transcendência do ser, isto é, sua escada de transformação de S1/~S2 para S2/~S1.

AGRADECIMENTO

O autor Marcos Costa agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da Bolsa de Fixação de Recursos Humanos. Agradece, igualmente, à Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Nordeste – Sede Formosa, pelo apoio institucional e pelo projeto de pesquisa em andamento que contribuiu diretamente para a realização deste estudo, a saber: “Perspectiva multissemiótica na escola: construção e desconstrução de discursividades no processo de ensino e aprendizagem”, do curso de Letras, da UEG, Câmpus Nordeste, Sede Formosa, sob a coordenação do Prof. Dr. Marcos Costa.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do Discurso: Fundamentos Semióticos**. São Paulo: Atual, 1988.
- CALVINO, Italo. *Why Read the Classics?* New York: Pantheon Books, 1999.
- COSTA, Marcos Rogério Martins. Da imanência à transcendência: reflexões semióticas. **Estudos Semióticos**, v. 10, n. 1, p. 89-99, jul. 2014.
- DISCINI, Norma. Semiótica: da imanência à transcendência (questões sobre o estilo). **Alfa: Revista de Linguística**, v. 53, n. 2, p. 595-617, 2009.
- FARIAS COELHO, Patrícia Margarida; MARTINS COSTA, Marcos Rogério; FONTANARI, Rodrigo. O parecer do sentido: a perspectiva semiótica. **Razón y Palabra**, n. 92, p. 1-18, dez. 2015.

FERRARI NETO, José. (2012). Ciências da Linguagem e Filosofia – uma análise das relações entre Linguística, Psicolinguística e Neurociências sob a ótica da Filosofia da Mente. **Letras De Hoje**, v. 47, n. 1, p. 93–101, 2012.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e interdisciplinaridade. **Alea**, v. 10, n. ja/ju 2008, p. 29-53, 2008a.

FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008b.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: A literatura em segundo grau. Tradução de Maria da Glória Brito. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

GREIMAS, Algirdas Julien. Estructura e historia. In: POULAIN, Jean-Pierre. *et al.* **Problemas del estructuralismo**. Cidade do México: Siglo Veinteuno Editores, 1967, p. 120-134.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima *et al.* São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das Paixões**: dos estados de coisas aos estados de alma. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

LAKOFF, George. **Não pense em um elefante!** Linguagem e debate político. Tradução de Fernanda Martins. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARANTZ, Alec. Generative linguistics within the cognitive neuroscience of language. **The Linguistic Review**, v. 22, p. 429- 445, 1995.

MATTE, Ana Cristina Fricke; LARA, Glaucia Muniz Proença. Um panorama da semiótica greimasiana. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 53, n. 2, p. 339-350, 2009.

PRADO, Leandro Lemes do. **O conto sob a perspectiva da psicolinguística em interface com a literatura**: compreensão leitora, consciência textual e processamento. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

REYNARD, Sylvain. **O Inferno de Gabriel**. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. São Paulo: Arqueiro, 2013.

REYNARD, Sylvain. **O Julgamento de Gabriel**. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. São Paulo: Arqueiro, 2013.

REYNARD, Sylvain. **A Redenção de Gabriel**. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. São Paulo: Arqueiro, 2014.